

# CPT 30 anos **PASTORAL DA TERRA**

Comissão Pastoral da Terra

janeiro a março de 2008

Ano 33 – Nº 191

Fotos: Sean Sprague

## 8 de março: A diversidade rompe com o mito da mulher universal

pág. 8 e 9

Tiago Thorlby - arquivo CPT Nordeste



**A expansão da cana:  
uma entrevista com o  
coordenador da ABRA  
no Distrito Federal,  
Gerson Teixeira**

págs. 10 e 11

arquivo CPT Nordeste



**Faísca de Deus: os 80  
anos de Dom Pedro  
Casaldáliga**

pág. 7

## EDITORIAL

# Índias e negras: a diversidade na luta das mulheres

O Dia Internacional da Mulher é o destaque desta primeira edição do Pastoral da Terra em 2008. Este dia é visto através dos olhares de uma mulher negra e de uma indígena. Como destaca a manchete “A diversidade rompe com o mito da mulher universal”. Uma é a situação vivida pela mulher negra, outra a da mulher indígena, outra da mulher branca da classe trabalhadora, bem diferente da mulher branca classe média, que detém a hegemonia nas comemorações do 8 de março. A luta das mulheres negras tem sua especificidade própria, pois junto com a discriminação e a violência de gênero, elas sofrem ainda hoje a discriminação racial. Para dar visibilidade às suas lutas e às suas conquistas elas criaram o Dia da Mulher Afro-Americana e Afro-Caribenha que se comemora no dia 25 de julho de cada ano. Apesar de terem esta data, as mulheres negras não deixam de comemorar o 8 de março, buscando resgatar o caráter original da data, um dia de luta por justiça social. A ele agregam com força a luta contra a discriminação racial. A resistência que muitos expressam diante do Estatuto da Igualdade Racial e das políticas públicas para as comunidades negras se deve a que estas pessoas “nunca tiveram uma lágrima derramada” por não conseguirem realizar seus sonhos, barrados pelo preconceito e o racismo.

As mulheres indígenas que vivem nas aldeias tradicionais estão integradas na organização social de seus povos. Por isso, normalmente elas não discutem seus problemas de forma isolada dos problemas vividos por seu povo. Mas aqui e acolá já começam a sentir a necessidade de partilhar com as companheiras de

outros povos e nações suas dificuldades e seus sonhos. Alguns encontros para o início deste intercâmbio já se realizaram e prometem ser promissores.

## Desmatamento e agronegócio avançam

O ano de 2008 inicia com destaque aos pífios números da reforma agrária em 2007, mas, sobretudo, à divulgação de dados que mostram um vertiginoso aumento do desmatamento da Amazônia, principalmente no final do ano passado. Responsabilidade das madeireiras e do avanço da cana-de-açúcar e da soja que empurram a pecuária para novas frentes. Os agrocombustíveis, em especial o etanol, apresentados como a grande solução para combater o aquecimento global, começam a receber crí-

ticas muito bem fundadas. A entrevista com Gerson Teixeira, da ABRA, mostra o que representa o avanço devastador da cana. A emissão de gases na atmosfera pelo uso de fertilizantes, derivados do petróleo, a queima da palha da cana para a colheita, os combustíveis utilizados para o preparo do solo e para o transporte da cana, compensam a “energia limpa” do etanol? A Via Campesina Brasil, na sua Plenária Nacional, concluiu que o agronegócio representa uma forte aliança entre latifundiários, capital financeiro, investidores e transnacionais. O pequeno agricultor acaba se tornando uma simples peça, descartável, nesta engrenagem. Quando o camponês resiste, a violência se faz sentir, como aconteceu na Fazenda Quirino, na Paraíba, com destruição de casas, espancamento e tortura.

## A esperança está viva

Se a conjuntura se apresenta impiedosa diante dos homens e mulheres do campo isso não significa que estes e estas estejam derrotados. Há muitos sinais de vida, como ficou claro na ação global por outro mundo possível, em 26 de janeiro, e nas diversas experiências que envolvem o povo do campo, como a Escola de Agroecologia de Santa Catarina. Estes sinais de vida brilham fortemente nas figuras destacadas nesta edição: Dom Luiz Cappio, que com seu jejum conseguiu penetrar a consciência de muitos em relação ao projeto de transposição das águas do São Francisco. Pe. Sérgio Tonetto, da CPT Guajará, Pará, que faleceu no dia 4 de janeiro na Itália. “Em tudo ele se revelou um grande homem profundamente identificado com os pobres e injustiçados” diz dele D. Tomás Balduino. E Pedro Casaldáliga, bispo emérito de São Félix do Araguaia, que em 16 de fevereiro completou 80 anos de vida, um dos idealizadores e fundadores do CIMI e da CPT. A frágil igreja de São Félix do Araguaia, pela figura do seu bispo, irradiou energia para os movimentos populares e para as igrejas do Brasil, da América Latina, de modo especial para a América Central e o Caribe. Outro sinal de vida e esperança nos vem do Chile onde uma índia Mapuche, Patrícia Troncoso, escreveu no seu corpo a história de um povo que se opõe decididamente ao avanço das empresas florestais sobre os territórios do seu povo. Com a figura desta lutadora, o Pastoral da Terra abre uma nova seção em suas páginas NUESTRA AMÉRICA, para dar espaço às lutas dos camponeses e camponesas dos países irmãos.



João Zinclar

Dona Arcina, 116 anos, Reserva Xacriabá, São João das Missões (MG)

Boa leitura.

**PASTORAL DA TERRA**

É uma publicação da Comissão Pastoral da Terra – ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Secretaria Nacional: Rua 19, nº 35, ed. Dom Abel, 1º andar, Centro, Goiânia, Goiás. CEP 74030-090.  
Fone: 62 4008-6466. Fax: 62 4008-6405.

[www.cptnacional.org.br](http://www.cptnacional.org.br) [comunicacao@cptnacional.org.br](mailto:comunicacao@cptnacional.org.br)

### Presidente

Dom Xavier Gilles

### Vice-presidente

Dom Roque Paloschi

### Coordenadores Nacionais

José Batista Afonso  
Juvenal José da Rocha  
Pr. Nancy Cardoso Pereira  
Ir. Maria Madalena dos Santos  
Padre Herminio Canova  
Padre Dirceu Fumagalli

### Redação

Cristiane Passos  
Antônio Canuto  
Marília Almeida - estagiária  
Rede de comunicadores da CPT

### Jornalista responsável

Cristiane Passos (Reg. Prof. 002005/GO)

### Diagramação

Carla de Abreu (32230566)

### Impressão

Gráfica América

### APOIO

#### EED

Evangelischer Entwicklungsdienst

#### Brot Für Die Welt

Pão para o Mundo

#### Fundação Eugen Lutter

#### MZF

Missionzentrale der Franziskaner e. V.

### ASSINATURAS

**Anual R\$ 10,00.**

Pagamento pode ser feito através de depósito no Banco do Brasil, Comissão Pastoral da Terra, conta corrente 116.855-X, agência 1610-1.

[Informacoes.canuto@cptnacional.org.br](mailto:Informacoes.canuto@cptnacional.org.br)

## MEMÓRIA

# Padre Sérgio Tonetto: uma vida dedicada aos pobres de Deus

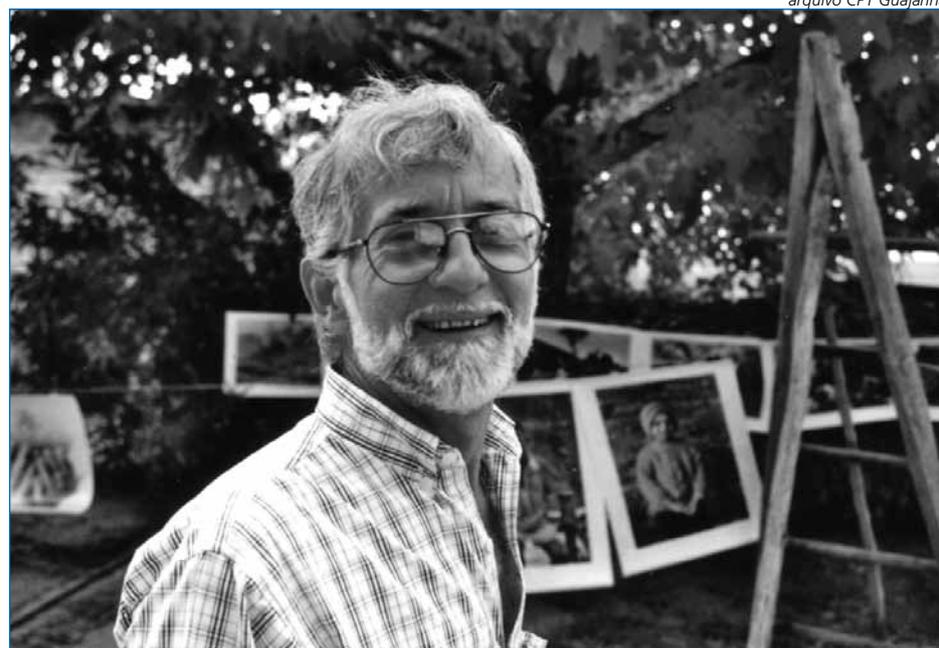
EQUIPE DA CPT GUAJARINA

No dia 4 de janeiro de 2008 falecia em sua terra natal, na Itália, padre Sérgio Tonetto, da equipe Guajarina da CPT no Pará. Em 21 de novembro de 2007, ele completara 30 anos de presença atuante, crítica, sofrida, mística e solidária no Brasil. Uma das primeiras coisas que padre Sérgio fez ao chegar a Moju (PA), sua primeira área de trabalho na região, foi formar um grupo de dez trabalhadores rurais com os quais estudou a situação fundiária, política e sindical de Moju. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Moju estava nas mãos dos “pelegos”. A primeira luta e vitória desse grupo foi a conquista do Sindicato. À meia noite do dia 6 de março de 1983 um canto encheu as ruas de Moju, entrou pelas casas, incomodou os poderosos e encheu de alegria os corações dos “pequenos”:

*“Se a união faz a força/ o povo vai construir/ a base unida no Cristo/ balança o coreto / e os de cima vão cair!”*

REASA, DENPASA, SOCOCO, CARGIL, SERRUYA, BANCO REAL, AGRO MENDES, PROJETO SERINGUEIRA eram algumas das empresas daquela época que com seus pistoleiros invadiam casas, queimavam roças, prendiam trabalhadores com o apoio da polícia. No dia 28 de abril, a nova diretoria do Sindicato tomou posse tendo como presidente o saudoso companheiro Virgílio Serrão Sacramento. Três anos depois, no dia 5 de abril de 1986, após uma animada Assembléia do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Virgílio foi assassinado ao voltar para casa levando a janta de seus 11 filhos. A próxima vítima anunciada era Sérgio. Sua morte só não aconteceu porque foi avisado pela dona da pensão onde os pistoleiros se hospedavam, pelo zelador da praça que, enquanto varria, escutara a trama dos pistoleiros, e por um homem que andou a noite toda a pé, da colônia de Curuperé até Moju, para comunicar que um grupo de homens estava tramando sobre o melhor modo de o pegarem.

Como o cerco se fechava, a equipe paroquial e a Diocese aconselharam Sérgio a sair. No final de 87, junto com Juan Zamora, chileno, morador de rua que



arquivo CPT Guajarina

conhecera em São Paulo durante estágio do Curso do CESEP, Sérgio iniciou uma “Romaria pelos Caminhos da América” como ele mesmo a chamou. “Uma Romaria ao longo de oito países para conhecer alguns movimentos populares e seus líderes, e para rezar nas tumbas dos mártires da América Latina. Uma maneira essa para ‘beber da água do poço’ dos que sonham com o ‘sonho em mutirão’”, escreveu ele. Viajavam a pé e de carona. No dia do Natal de 1987, o padre da cidade onde se encontravam negou-lhes o banho, a celebração da missa e a hospedagem. Em um posto de gasolina um rapaz, ainda adolescente, com alegria lhes abriu a porta para o banho. A mangueira da praça providenciou-lhes o almoço e os bancos da praça serviram-lhes de cama.

Sérgio e Juan concluíram essa Romaria no dia 7 de janeiro de 1988 e trouxeram um pouco da terra de cada país em pequenos baús que se encontram no Santuário da Terra e da Água (casa do Sérgio) em Ananindeua (PA). Sérgio resumiu em poucos versos esta romaria:

*“... 27 mil e 814 quilômetros/ e o pão de cada país/ as flores de cada país/ a terra de cada país/ os rostos de cada país/ o sofrimento de cada país/ a raiva de cada país/ a resistência de cada país/ a música de cada país/ o sangue de cada país a morte ... e a vida de cada país”.*

Após regressar de uns meses de férias, Sérgio foi escolhido para coordenar, na Diocese de Abaetetuba, a Comissão Pastoral da Terra, sendo ao mesmo tempo o vigário de Bujaru. Assim sua atuação ampliou-se para toda a região. Para melhor trabalhar junto ao povo decidiu fazer um Curso de Antropologia, no Maranhão, que concluiu em março de 2007. Após apresentar sua monografia, descobriu-se gravemente doente. O conflito entre a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e os Quilombolas do Jambuaçu exigira demais dele. Não dava para engolir a arrogância da segunda maior mineradora do mundo que com a passagem de três minerodutos e mais o linhão de energia elétrica subtraía quase todo o território quilombola e, ainda por cima, resistia em fazer obras que compensassem os estragos na área. Viagens, reuniões, audiências, debates, entrevistas, raivas, angústias, perseguições, e mais o trabalho de conclusão de curso obrigavam-no a trabalhar até às três da madrugada. Isto agravou seu estado de saúde. Doente não queria arrear o pé para não arriscar a perda dos direitos dos quilombolas que por fim foram conquistados. Já na Itália, em tratamento, no dia 10 de dezembro de 2007, padre Sérgio recebeu, da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), o reconhecimento como Defensor dos Direitos Humanos.

## Ao missionário e defensor dos camponeses

“Sempre tive muita admiração pela paixão missionária do padre Sérgio. Sua vida foi cheia de conflitos na Congregação, na Diocese e na CPT. Mas em tudo ele se revelou um grande homem profundamente identificado com os pobres e injustiçados.” (Dom Tomás Balduino, *conselheiro permanente da CPT*)

“Sérgio era de corpo e alma dedicado aos pobres. Tornou a CPT Guajarina uma das mais competentes e profícuas em produzir subsídios para o povo do campo, por exemplo, os quilombolas. Infelizmente, sua extrema dedicação nem sempre foi bem compreendida e aceita até por companheiros.” (Ruben Siqueira, *CPT e Articulação Popular do São Francisco*)

“Para nós ele foi amigo, irmão, companheiro, solidário e comprometido em todas as horas e para todos os desafios.” (Sandro e Ana Maria Gallazzi, *CPT Amapá*)

No dia 18 de fevereiro, data em que padre Sérgio completaria 62 anos de idade, foi inaugurada a Casa Familiar Rural na área quilombola do Jambuaçu. Diz o convite: “A Casa Familiar Rural é ‘uma gota no oceano’ que se conseguiu, com muita luta, arrancar das garras da ‘toda poderosa’ CVRD. Vale a pena celebrar toda conquista que se faz! Vale a pena celebrar a Vida, a Ressurreição de Sérgio que não poupou nem a própria vida na defesa dos Direitos dos pobres, dos pequenos, dos preferidos de Deus.”

*“Querido Sérgio, continuarás a viver na terra conquistada e na sede saciada.” (Equipe CPT Guajarina)*



## INPE divulga dados sobre o desmatamento na Amazônia

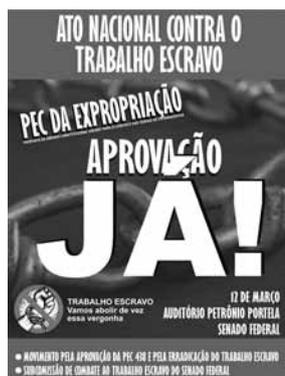
Foto Daniel Beltrá - Greenpeace



O INPE divulgou, no início deste ano, que de agosto a dezembro de 2007 foi detectada a derrubada de 3.233 quilômetros quadrados de floresta amazônica, dos quais 1.922 quilômetros quadrados em novembro e dezembro, quando normalmente não há desmate por causa das chuvas. Em 36 municípios foi constatado este aumento acima do normal, o que provocou uma série de medidas do governo federal, mas também forte reação de governos estaduais e de produtores. Como destaca dom Erwin Kräutler, bispo do Xingu e presidente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), o conceito de desenvolvimento para o agronegócio é sinônimo de derrubar, queimar, arrasar, matar. Segundo ele, do jeito que as coisas evoluem “em 2030 a metade da selva tropical da Amazônia terá sucumbido à agressão inescrupulosa do homem. É uma previsão séria, mesmo que seja apocalíptica”. Dom Erwin Kräutler lamenta a leniência do governo federal com toda essa situação: “O pobre Ministério do Meio Ambiente me é simpático. Infelizmente este ministério é a ‘Geni da história’, está longe de ter os poderes e os recursos financeiros para desempenhar adequadamente suas atribuições. A ministra Marina sempre me pareceu uma ‘enteada’ do Governo, magérrima, símbolo vivo da desnutrição da pasta que ocupa”.

## Ofensiva para aprovação da PEC do Trabalho Escravo

A CPT, junto a outras organizações, organiza uma ofensiva no dia 12 de março em Brasília, para tentar avançar na questão da aprovação da PEC-438/2001, relativa ao confisco das terras onde forem encontrados trabalhadores em condições análogas à de escravidão. A PEC (Proposta de Emenda Constitucional)



Material de divulgação

aguarda para ser incluída na pauta para votação em segunda leitura pela Câmara. A proposta passou pelo Senado Federal, em 2003, e foi aprovada em primeiro turno na Câmara dos Deputados em 2004. Desde então, aguarda votação. O evento contará com um abraço simbólico do Congresso pelas cerca de 2000 pessoas esperadas para a ocasião, uma plenária de debate no Senado Federal, no Auditório Petrônio Portela e encontro com lideranças, além de audiência de uma comissão com Lula e outra no Supremo Tribunal Federal (STF). De acordo com as entidades organizadoras da ofensiva: “Privação de liberdade e usurpação da dignidade caracterizam a escravidão contemporânea. O escravagista é aquele que rouba a dignidade e a liberdade de pessoas. Escravidão é violação dos direitos humanos e deve ser tratada como tal. Se um proprietário de terra a utiliza como instrumento de opressão, deve perdê-la.” (fonte: CPT)



João Laet

## Fórum Global contra o Tráfico de Pessoas

Especialistas e autoridades de todo o mundo se encontraram em Viena, capital austríaca, para o Fórum Global contra o Tráfico de Pessoas. O evento, realizado entre os dias 13 e 15 de fevereiro, discutiu um problema que atinge crianças e adultos de todos os sexos e que é uma clara violação dos direitos humanos. O fórum é uma ação do Escritório das Nações Unidas Contra a Droga e Crime (UNODC, sigla em inglês) para impactar a sociedade e para que a Iniciativa Global contra o Tráfico de Pessoas (UM GIFT, sigla em inglês) se torne um divisor de águas nessa luta de âmbito mundial. Frei Xavier Plassat, da coordenação da Campanha de Combate ao Trabalho Escravo da CPT participou do encontro. O Fórum esteve focado em três eixos principais: o que torna as pessoas vulneráveis ao tráfico, o impacto do tráfico de seres humanos para a sociedade, e as ações a serem tomadas em todo o mundo. Estima-se que cerca de 2,5 milhões de pessoas são vítimas do tráfico de seres humanos, seja pela prostituição, trabalho forçado ou em condições degradantes, dentre outras formas de exploração. (fonte: UNODC)

## CURTAS

### O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou dados preliminares de Censo Agropecuario.

Segundo o estudo, a área de lavouras no Brasil aumentou 83,5%, enquanto a de pastagens foi reduzida em cerca de 3%. A substituição dos pastos por plantações ocorreu devido à progressiva inserção do país no mercado mundial da produção de grãos e do ganho de eficiência da pecuária. Sobre o número de ocupados no agronegócio, o levantamento revela a redução de 8,5% em relação ao último censo realizado em 1996, o número passou de 17,9 milhões para 16,4 milhões de pessoas em 2006. (fonte: Folha de São Paulo)

### Foi aprovada a inclusão da vegetação natural no valor de indenização de terra desapropriada para fins de reforma agrária,

pela Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural, no dia 12 de janeiro. A proposta altera a Lei da Reforma Agrária (8.629/93) e está prevista no Projeto de Lei 2021/07, do deputado Moreira Mendes (PPS-RO). Segundo o texto, qualquer tipo de vegetação natural continua a integrar o preço da terra, mas, se houver um plano de manejo sustentável aprovado pelo órgão competente, este também deverá ser levado em conta na definição do preço, já que se trata de exploração econômica. Essa mudança dificultará ainda mais os processos de desapropriação. O projeto tramita em caráter conclusivo e ainda será analisado pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania. (fonte: Agência Câmara)

### Pecuária já derrubou 78% da Amazônia.

Um terço das exportações brasileiras de carne in natura, em 2007, foi proveniente diretamente da Amazônia, principalmente de Mato Grosso, Pará, Rondônia e Tocantins. Pesquisas do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) responsabilizam a pecuária por 78% da derrubada da floresta amazônica. Dos 30,6 milhões de hectares desmatados na região, 25,3 milhões teriam sido destinados a pastos. De acordo com o IBGE, em 1970 existiam 617 mil hectares destinados à agricultura na zona norte do país. Em 1995, o número cresceu para 1,9 milhão de hectares e em 2006 chegou a 7,4 milhões. Já a pecuária, na mesma região, cresceu de 4,4 milhões de hectares em 1970 para 24,3 milhões em 1995 e 32,6 milhões de hectares em 2006. (fonte: Folha Online e Estadão)

## SÃO FRANCISCO

## Um balanço do jejum de Dom Frei Luiz Flávio Cappio

FREI GILVANDER MOREIRA\*

Para fazermos um balanço, aprendemos já nos rudimentos da contabilidade que temos de analisar os ganhos e os prejuízos. O saldo é o resultado do lado bom menos o lado ruim das ações que não atenderam às nossas expectativas. Pois bem, é com este olhar que nos propusemos a avaliar o que vimos e sentimos, de longe e de perto, na luta do povo encabeçada por Dom Cappio contra a transposição e em prol do rio São Francisco. Durante os 24 dias de jejum e oração de frei Luiz quantas cartas, e-mails, telefonemas e manifestações de apoio dos quatro cantos do mundo: antenados e solidários! Quantas pessoas participaram do “jejum solidário”, uma proposta que ganhou conotações – até certo ponto surpreendentes – de crítica a uma sociedade que tem abundância de comida, mas aumento da fome! Milhares de pessoas sentiram-se questionadas profundamente no seu estilo de vida cristã diante do valioso testemunho de frei Luiz, ainda que suas palavras e atitudes proféticas tenham sido ignoradas por autoridades que se fizeram surdas à voz do povo.

Na capela de São Francisco, na pequena cidade de Sobradinho, no sertão da Bahia, graças ao espírito divino presente nas águas do rio, os 24 dias de jejum e oração de dom Cappio (de 27/11/2007 a 20/12/2007) revelaram o crescente compromisso de milhões de brasileiros com a preservação do São Francisco. O rio não é mais algo fora de nós. É a nossa identidade. O gesto de Dom Cappio desmascarou a igno-

rância e a omissão de muitos cidadãos. Revelou que o governo do presidente Lula revestiu-se de autoritarismo, de arrogância e prepotência na corrupção. Ou nas palavras de Dom Tomás Balduino: “O Governo Lula esgotou-se”.

## A fé de Dom Cappio gerou frutos

Politicamente, não se legitima a transposição do rio São Francisco. Os movimentos populares, representantes legítimos do povo, levantaram-se na defesa das águas como bem comum.

rem na luta ecológica, o que significa luta contra injustiças sociais, políticas e econômicas. Internacionalmente, a repercussão gerou bons frutos. A CPT, Pastorais Sociais e parte dos movimentos populares que não mediram esforços na luta ao lado de Dom Cappio, também saíram fortalecidos. Frei Luiz irrompeu como uma forte liderança do Brasil atual. A conquista das conquistas: Dom Cappio continua vivo entre nós. Mais do que nunca será um grande profeta no meio do povo a encorajar a luta dos pequenos na denúncia de arbitrariedades e desumanidades. O gesto profético de

## A terceira margem do rio!

A continuidade do debate fará com que caiam outras máscaras! Não dá mais para ignorar a revolução silenciosa que se expressa no paradigma da convivência com o semi-árido. Com Roberto Malvezzi somamos: “O saldo do gesto de frei Luiz Cappio demarca as margens e estabelece um abismo moral entre companheiros que até ontem bebiam da mesma água. O rio que nos separa é mais profundo que o São Francisco. O que está em jogo é o futuro deste país, do próprio planeta, da própria humanidade. Será que o caminho do governo está mesmo ‘livre’ para prosseguir com o projeto após a decisão do STF de liberar as obras? Uma obra de longo prazo, que envolve bilhões de reais durante sucessivos governos, nunca está garantida antes de sua conclusão. A preocupação fundamental demonstrada pelo governo foi ‘não fazer concessões ao bispo’, como demonstração de ‘autoridade’. Portanto, o governo sabe que o gesto de frei Luiz aponta não só contra o governo e seu PAC – Programa de Aceleração do Crescimento das empresas, não do povo – mas também contra o modelo de desenvolvimento que está sendo imposto sobre a natureza, as pessoas e as comunidades mais pobres do país.”.

Não podemos perder de vista que o nosso projeto é muito maior. Queremos água para 44 milhões, não só para 12. Para nove Estados, não apenas quatro. Para 1.356 municípios, não apenas 397. Tudo pela metade do preço da transposição. Um camponês do Ceará alerta: “Nenhum projeto faraônico beneficia os pequenos. O que beneficia os pequenos são as pequenas obras multiplicadas aos milhares”. Queiram os opositores e o governo ou não o saldo é positivo! Com Dom Cappio vivo e a verdade gritando mais forte, após o jejum e oração não apenas de um, mas de tantos, temos hoje a certeza ainda maior de estarmos do lado certo desta história. Ou como profetizou Leonardo Boff, a transposição já está amaldiçoada!



João Zinclar

Denunciaram a mercantilização da água para o hidronegócio. O jejum de frei Luiz desnudou a verdade sobre a malfadada transposição: uma obra faraônica. A maior da história do Brasil. Os Estudos oficiais mostram: 70% da água para a irrigação, 26% para uso industrial, somente 4% para população difusa. O gesto de Dom Cappio fortaleceu a Via Campesina, os movimentos populares e as lideranças sociais, os setores religiosos e a consciência cidadã para prosseguir-

Dom Luiz sacudiu a Igreja, o governo e pessoas de tantas instituições. A força cristalina do testemunho de profeta tocou feridas profundas, encobertas por discursos fáceis, palavras jogadas ao vento. Dom Cappio retomou uma modalidade de luta assentada sobre a fina flor da tradição cristã: jejum e oração. Resgatou no coração de muitos militantes uma espiritualidade nova. Jejuar e orar continua sendo expressão da resistência contra os faraós de hoje.

\* Frei Carmelita e assessor da CPT Minas Gerais.



## NUESTRA AMÉRICA

# Chepa: A história de um povo escrita num corpo

irmã que denuncia com sua vida a política de criminalização do governo do Chile, para salvaguardar os interesses transnacionais das empresas florestais, de celulose, eletricidade, pesca e minérios.

No comunicado que suspende sua greve de fome, Patricia expressa algumas das demandas históricas de seu povo.

“As bandeiras que temos usado nesta luta são justas e generosas. O que cada um fez, desde o menor até o maior, do mais humilde ao mais graduado, pode significar num futuro próximas mudanças reais em relação ao respeito dos Direitos Humanos, mudanças no sistema econômico predador e desumano, proteção e defesa dos bens naturais ‘dos poucos que nos sobram’, legislação que permita fiscalizar e aumentar as exigências quanto aos impactos ambientais e a tecnologias limpas para os futuros investimentos neste país.”

Por participar das reivindicações de seu povo, Patricia foi presa em setembro de 2002, acusada de “crimes de ameaça e de incêndios terroristas” em diferentes ações. Imputaram-lhe vários crimes, mas foi absolvida nos diversos julgamentos realizados. Só foi condenada no processo que contra ela e outros mapuche, também presos, moveu a Florestal Mininco S.A. Neste processo ela e outras cinco pes-

soas foram declaradas culpadas. Ela foi condenada a 10 anos e um dia de cadeia, e a pagar uma indenização à empresa de 425 milhões de pesos (R\$ 1.550.000,00). Os condenados foram acusados por testemunhas “sem rosto” (não identificadas e com o rosto coberto) de acordo com a Lei Antiterrorista de Pinochet. Esta lei foi condenada em duas ocasiões por organismos das Nações Unidas que exigiram sua revogação e a revisão dos processos realizados baseados nela.

112 dias de greve de fome para que o governo de Michele Bachellet – que se diz socialista – concedesse o que se reivindicava, nada além dos benefícios previstos na lei carcerária à qual Patricia, e outros dois irmãos presos, tinham direito, por já terem cumprido metade do tempo em prisão. Era necessário exibir o corpo exaurido de Chepa para conceder-lhe os benefícios estabelecidos pela lei? Ainda poderíamos nos perguntar: será necessário que o povo mapuche morra, morto por balas ou em torturas nas prisões, para que a humanidade tome consciência da barbárie genocida que toma conta do Chile?

### Resistência mapuche

As denúncias que circularam durante a prolongada greve de fome de Chepa contra o governo Bachellet, o acusam de feminicídio e etnocídio. Patricia Troncoso só não morreu por causa da mobilização ativa e forte de seu povo, também pelas denúncias que se multiplicaram nas redes internacionais de feministas, de organizações de direitos humanos, de povos indígenas, de intelectuais e de movimentos populares. Também pela tardia intervenção da hierarquia da Igreja Católica. Era espantoso constatar a indiferença com que o poder a deixava agonizar, talvez para exemplificar no seu corpo, o racismo e a insensibilidade da burguesia branca e patriarcal, defensora da

“ordem transnacional” que governa o Chile. Nas cadeias chilenas há mais de 20 presos e presas políticos mapuches. Lutadores e lutadoras deste povo estão foragidos da justiça porque decidiram não se apresentar em processos armados para amarrar seus corpos rebeldes. Corpos amarrados como o de Chepa que, com 100 dias de greve, foi atada à cama para ser forçada a ingerir alimentos. Como os das irmãs Juana e Luisa Cafunao, amarradas às camas como tortura na cadeia. Vidas amarradas como a dos jovens mapuches Zenón Diaz Necul, Matias Catrileo e Alex Lemun, assassinados pelas forças da repressão nos conflitos no sul do Chile.

Mas o corpo de Chepa não só mostra as cicatrizes da tortura e da prisão. Também nos mostra a força que nasce da dignidade. A capacidade de resistência de um povo quando tem a convicção da justeza de suas demandas, quando sente a atração das raízes que o unem a terra como uma unidade que não se quebra. Mapuche (mapu = terra, che = gente) é gente da terra, e como tal vive dela. As tentativas das transnacionais de arrancá-los de seus últimos redutos, encontrarão cada vez maiores dificuldades. A batalha se multiplica nos corações dos jovens mapuche que cresceram entre a violência da polícia e as expulsões sofridas ao lado dos mais velhos. Eles agora dizem “chega” e se abraçam a suas raízes, à sua memória, ao exemplo de Lautaro, de Caupolicán. E com eles repetem: “Marrichihueu. Para cada lonko (liderança) que caia, dez se levantarão. Dez vezes venceremos.” A luta se expande. Depois desta greve de fome – uma chamada de atenção ao mundo – a principal vitória que Chepa e seus irmãos conseguiram., não são os benefícios da lei carcerária. É fundamentalmente a consciência de que já não estão mais sozinhos.

CLAUDIA KOROL\*

No dia 30 de janeiro Patricia Troncoso, conhecida por seus irmãos e irmãs como “Chepa”, assinou um comunicado em que informa a suspensão da greve de fome, que completava 112 dias. O corpo de Patricia, extremamente debilitado, mostrou durante todos os dias de sua prolongada prisão (mais de cinco anos) e nos intensos momentos da greve de fome, a injustiça do Estado chileno contra o povo mapuche. Se quiséssemos demonstrar esta injustiça numa biografia individual, poderíamos fazê-lo no testemunho de Chepa. Estudante de Teologia no Instituto de Ciências Religiosas da Universidade Católica de Valparaíso, a partir de sua aproximação com as comunidades mapuche, foi integrando-se na resistência histórica deste povo que a considerou uma das suas, uma

\* Jornalista argentina e educadora popular. Matéria especial para o Pastoral da Terra.

## ARTIGO

# Pedro Casaldáliga: 80 anos de profecia

ANTONIO CANUTO\*

No dia 16 de fevereiro, Pedro Casaldáliga, o primeiro bispo de São Félix do Araguaia e um dos idealizadores e fundadores da Comissão Pastoral da Terra (CPT) completou 80 anos de vida. Metade deles vividos no Brasil. Os 40 anos de Pedro no Brasil deixaram pegadas profundas na vida do povo e da Igreja pelo seu estilo de vida, seu relacionamento com os pobres, seus compromissos concretos, seus poemas e escritos. Ninguém imagina que a casa em que mora seja a de um bispo. Uma casa aberta a qualquer hora do dia ou da noite. Ali são recebidas pessoas do Brasil e do Exterior, mas da mesma forma, sem qualquer formalidade, são recebidas as pessoas do povo.

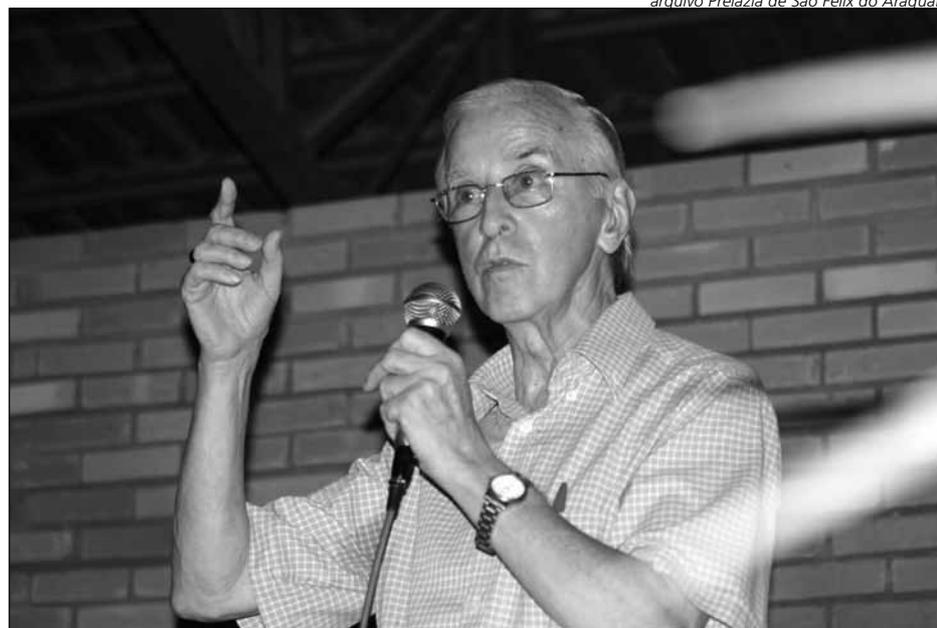
Comprometido até o mais íntimo com as causas dos pobres com os quais conviveu, índios, posseiros, peões, entre tantos outros. Amado por seu povo, odiado pelos latifundiários e empresários do agronegócio e pelos agentes da ditadura. Sua ordenação episcopal, em 1971, sinalizou quais seriam os caminhos pelos quais trilharia a nova igreja. Como bispo dispensou qualquer símbolo ou insígnia que o separasse do povo. O anel episcopal foi o de tucum. Um chapéu de palha sertanejo lhe serviu de mitra, e o báculo foi substituído por um remo indígena. A força do momento está expressa na lembrança distribuída.

**"Tua Mitra será um chapéu de palha; o sol e o clarão da lua; a chuva e o sereno: o olhar dos pobres com quem caminhas e o olhar glorioso de Cristo, o Senhor.**

**Teu báculo será a verdade do evangelho e a confiança de teu povo em ti.**

**Teu anel será a fidelidade à nova aliança do Deus libertador e a fidelidade aos povos da terra.**

**Não terás outro escudo que a força da esperança e a liberdade dos filhos de**



arquivo Prelazia de São Félix do Araguaia

**Deus, nem usarás outros recursos que o serviço do amor."**

A carta pastoral *Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social* lançada no momento de sua ordenação, expõe com clareza diáfana que a vida, a realidade e o sofrimento de índios, posseiros e peões são o foco central da atuação desta igreja que se coloca integralmente a serviço deste povo. O trabalho escravo nos tempos contemporâneos, a que os trabalhadores eram submetidos nos projetos agropecuários, é denunciado, pela primeira vez, num documento da igreja e se tornou referência nacional.

A sensibilidade de Pedro, como é chamado no cotidiano da vida, e suas intuições estão por trás das novas formas de atuação pastoral da igreja: o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT). Enquanto teve saúde, participou de todas as Assembléias e sua palavra sempre ajudou a clarear e definir os rumos destas pastorais.

A grande arma de Pedro, escondida na fragilidade de seu corpo, está na sua palavra que irrompe através de poemas e denúncias proféticas. Com convicção afirma:

**Tudo é relativo /menos Deus e a fome.**

**No ventre de Maria /Deus se fez homem. / Mas na oficina de José Deus também se fez classe<sup>1</sup>.**  
(O Verbo se fez Classe)

Sua perspicácia é mordente quando se refere aos projetos de reflorestamento:

**O eucaliptal, espúrio na paisagem / parece um orfanato florestal / de uniformes anêmicos.**  
(Reflorestamento)

O latifúndio é alvo de flechadas certas:

**Limpei de Índios as Florestas / e de Florestas o Brasil. / E, com os incentivos da fome do povo, / estou engordando o boi-miragem**  
(Credencial do Latifúndio)

**Por onde passei / plantei / a cerca farpada, / plantei a queimada. / Por onde passei / plantei / a morte matada.**

**Por onde passei / matei / a tribo calada, / a roça suada, / a terra esperada...**

**Por onde passei, / tendo tudo em lei, / eu plantei o nada.**

(Confissão do Latifúndio)<sup>2</sup>

## Pedro e a CPT

A CPT, que Pedro ajudou a criar, mereceu dele um carinho particular. Ao completar 20 anos Pedro dedicou-lhe a:

Carta Aberta à CPT no seu jubileu de orvalho e de sangue:

**"Nasceu você um pouco maldita, / quase clandestinamente, filha da paixão pelos pobres da Terra, / Filha do Reino dos Céus que é Reino da Terra também. / Fora, odiada: / Pelo latifúndio e suas udrs, pela ditadura militar e seus carrascos / por todas as arcaicas oligarquias e coronelatos prepotentes / e pelo novíssimo devastador neoliberalismo.**

**Pastoral fecunda / Você já semeou muita semente agitadora / nas mitras sonolentas de alguns bispos. ... Ecumênica nem sempre compreendida. / Macroecumênica como a terra e a chuva / E o sol do Deus da Vida.<sup>3</sup>"**

Impossibilitado de participar, Pedro enviou uma significativa mensagem ao segundo Congresso da CPT, em 2005, que diz:

**"A fidelidade ao Deus dos pobres é essencial à CPT como Comissão Pastoral ... Hoje, frente ao agronegócio, com tudo o que ele significa, o agroserviço com tudo que deve significar. A CPT, com todos os seus pecados, que são muitos, não deixa de ser uma tribo profética, ecumênica, martirial e libertadora."**

Pedro, Parabéns.  
A CPT sente-se orgulhosa por tê-lo entre os seus.

1- In *Versos adversos* - Antologia - Editora Fundação Perseu Abramo, 2006

2- *Cantigas Menores*, Projornal, Goiânia, 1979 pg 29, 17, 76

3- In *A Luta pela Terra* - A Comissão Pastoral da Terra 20 anos depois, Paulus, São Paulo 1997, pg 7 e 8

\* Do Setor de Comunicação da Secretaria Nacional da CPT

## MULHERES

# A diversidade rompe com o mito da mulher universal

Para celebrar o Dia Internacional da Mulher, o Pastoral da Terra traz uma reflexão de duas mulheres representantes das indígenas e das negras brasileiras.

## Mulheres negras comemoram o Dia Internacional da Mulher

MARTA CEZARIA DE OLIVEIRA\*

O Dia da Mulher Afro-latino-americana e Afro-caribenha (25 de julho) demarca que rompemos, para sempre, com os mitos “da mulher universal”, da “sonoridade entre as mulheres” e da “sonoridade entre os negros.” Parece radical? Não apenas parece. É.

O 8 de março, de fato, simboliza um Dia Internacional da Mulher, de todas as mulheres, e até deixa nas entrelinhas que a opressão de gênero é comum a todas as mulheres. Todavia, não enfatiza a situação de opressão particular, por exemplo, das negras e das índias. Portanto, foi necessário construir uma data para simbolizar quem são as mulheres negras e como vivem sob a égide de duas opressões cruéis em sociedades machistas e racistas.

Quinze anos após a instituição do Dia da Mulher Afro-latino-americana e Afro-caribenha, cabe ao feminismo assumir a data ou dizer que o combate ao racismo não lhe interessa. No Brasil, fora uma ou outra ONG feminista negra, que de 1993 para cá, esporadicamente relembra a data, pouco se fala sobre o assunto. Lamentavelmente. Nada de estranho. Basta lembrar que há hegemonia branca no feminismo mundial.

Desde o primeiro encontro em Goiás, em 1996, “Mulheres Negras Construindo a Consciência Cidadã” realizam-se anualmente eventos para celebrar o dia da mulher negra que

objetivam refletir sobre as vitórias e dificuldades enfrentadas em nossa sociedade, por consequência do racismo, e por preconceitos de classe e gênero que geram violência, exclusão social e homofobismo.

O Estatuto de Igualdade Racial e as políticas públicas para a comunidade negra provocam divergências, mas,

certamente, é porque estas pessoas não tiveram uma única lágrima caindo da sua face diante da menininha que vende o corpo por um prato de comida, diante do jovem que é tragado pela marginalidade como último refúgio. Mulher negra, barrada e julgada no hospital, por não ter o direito ao aborto seguro. Mãe, com filhos/as nos

braços ou na ambulância em busca de socorro por causa da falta de uma política pública para tratar a saúde desta população, a anemia falciforme. Não queremos ver a reedição da lei áurea, mas a sensibilidade das políticas públicas, necessárias para viabilizar essa importante conquista para o povo negro brasileiro.

João Zinclar



Ilha da Ingazeira

As mulheres negras de Goiás concluíram que o *Dia 8 de Março*, ao lado do 25 de julho, é um dia de luta por justiça social, reforma agrária e urbana e pela valorização do salário mínimo e geração de trabalho e renda para estas mulheres. As mulheres negras que desde sempre na história brasileira foram empregadas domésticas, sem salário e com tamanha exploração sexual, foram tomando consciência da dupla discriminação social a que eram submetidas e por isso transformaram também o *Dia Internacional da Mulher* em um processo de tomada de posicionamento racial, em que passam a ser sujeitos de sua luta e história e não mais objeto desta história. As mulheres negras estiveram presentes do desencadeamento de várias ações, tais como: emancipação política, engajamento nas lutas contra a fome, a guerra, as desigualdades de gênero, raça e classe no trabalho e a luta pelo direito ao voto. Essas lutas se construíram, principalmente, a partir da II Conferência Internacional das Mulheres Socialistas em 1910, culminando em diversas outras lutas e conquistas de caráter internacional.

Atualmente a luta das mulheres se constrói pautada na busca por mais direitos sociais e pelo fim das privatizações. Queremos que se cumpram os direitos de todas as mulheres do campo e da cidade. As trabalhadoras domésticas, as migrantes, as mulheres negras, as desempregadas e as donas de casa que reivindicam o direito à aposentadoria, as mulheres lésbicas, as indígenas, as jovens, as trabalhadoras rurais, as portadoras de deficiência. Queremos soberania e democracia a partir da autodeterminação dos povos, valorização do trabalho das mulheres e a preservação ambiental como um direito à vida. E para que tudo isso aconteça precisamos estar constantemente combatendo a violência que massacra estas mulheres de vários ângulos, para dizer um basta à violência contra as mulheres.

**“A luta pela vida é nosso objetivo principal, e isto significa garantir os princípios do SUS.**

**A cor da pele não pode ser um obstáculo nesta luta”.**

**Ybá! Negras Guerreiras!**

\* Integrante do Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado. É bióloga, irmã missionária de Jesus Crucificado, feminista negra integrante do Comitê Político da Articulação de Mulheres Brasileira (AMB), Fórum Nacional de Mulheres Negras (FNMN), Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CONAPIR) e Conselho Estadual da Mulher (CONEM).

## Mulheres Indígenas Brasileiras

VALERIA PAYE PEREIRA\*

Desde o início da década de 80, começamos a acompanhar as discussões no movimento indígena nas nossas regiões. Foi, porém, somente nos últimos anos que começamos a nos organizar como movimento de mulheres indígenas discutindo questões de gênero, tema muito recente e muitas vezes pouco claro. Embora estejamos discutindo entre mulheres acabamos nos voltando para políticas gerais voltadas para as nossas terras indígenas aonde as principais demandas são relacionadas com os problemas de saúde e educação, atividades produtivas e violência enfrentada pelas mulheres nas suas comunidades, causada por vários fatores, mas, principalmente, pelo consumo cada vez maior de bebidas alcoólicas.

Atualmente estamos nos articulando e nos organizando em grupos, associações, coordenações ou departamentos das nossas organizações regionais como a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas e Espírito Santo (APOINME) e Articulação dos Povos Indígenas do Sul (ARPIN SUL). Não temos ainda representação de mulheres indígenas em nível nacional. O grau de discussão é variado, indo desde o mais primário, como as reuniões internas nas aldeias, até a defesa de propostas em instâncias e eventos nacionais como a Comissão Nacional de Política Indigenista (CNPI).

Nas instâncias que ocupamos temos reivindicado a implementação de políticas públicas específicas para as mulheres indígenas no âmbito do Estado brasileiro, porém essas ações têm sido muito incipientes. Elas estão pulverizadas em vários Ministérios e, muitas vezes, embora tenham como um de seus alvos as mulheres indígenas não têm tido nenhuma rubrica ou programa oficial específico para nos atender.

Nesse sentido, em conjunto com o movimento indígena, temos nos apoiado e embasado as nossas reivindicações a partir de declarações internacionais, como a Convenção 169 da Organização Internacional do



João Zinclar

Povo Kiriri-Muquem de São Francisco

Sean Sprague - Arquivo CPT Nordeste II



Trabalho (OIT) sobre Povos Indígenas e Tribais que reconhece, dentre os direitos dos povos, o de assumir o controle de suas próprias instituições e formas de vida, seu desenvolvimento econômico, fortalecimento de suas identidades, línguas e religiões, dentro do âmbito dos Estados onde moram. A recentemente aprovada Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, reafirma todos esses direitos.

Para manter e respeitar as formas de organização dos povos, as mulheres indígenas não têm discutido de forma isolada os seus problemas. Elas tendem sempre a envolver a comunidade, os seus parceiros, caciques, professores e as organizações regionais com as quais estão ligadas visando fortalecer a luta do movimento indígena como um todo.

\* Índia Kaxuyana do Parque do Tumucumaque, no Pará.

## AGRONEGÓCIO

# O avanço devastador da cana

MARÍLIA ALMEIDA\*

*O avanço da cana-de-açúcar sobre plantações de grãos e, principalmente, sobre ecossistemas como o cerrado têm preocupado ambientalistas e especialistas da área. Além de ameaçar a sobrevivência de comunidades tradicionais e da agricultura familiar, a produção do etanol é considerada suja e submete a mão-de-obra a condições degradantes. Porém, a expansão da cana-de-açúcar sobre as plantações de grãos nos últimos dois anos parece ter se desacelerado em 2007. De acordo com a Secretaria de Agricultura de Goiás, o aumento do preço da soja e do milho fez com que o interesse dos produtores em arrendar áreas para plantio da cana diminuísse. No entanto, Gerson Teixeira, coordenador geral da Associação Brasileira de Reforma Agrária no Distrito Federal, na entrevista abaixo, diz não acreditar nesta desaceleração. Segundo ele, as últimas estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) para a safra 2007/2008 não confirmam recuo no avanço da cultura da cana-de-açúcar. Se comparada à safra de 2006/2007, existe um crescimento de 10,62%, o equivalente a 45,60 milhões de toneladas. Ele ainda aponta que em 2007, de acordo com dados do IBGE, foram colhidos 6,6 milhões de hectares de cana-de-açúcar, um acréscimo de 370 mil hectares em relação a 2006.*

**O senhor acredita que o avanço do plantio da cana-de-açúcar perdeu força ou se trata somente de uma crise cíclica?**

É possível, sim, que o setor esteja caminhando para uma importante crise de superprodução e os preços sinalizam esta possibilidade. Ocorre que sob o impulso das expectativas geradas pelos governos do Brasil e dos EUA houve um ritmo frenético de investimentos na compra de terras, na produção de matéria prima e em plantas industriais. No entanto, continuamos distantes de um mercado mundial institucionalizado e liberalizado para o etanol assim como para os agrocombustíveis de um modo geral. Observe que os próprios americanos sequer acenam com a flexibilização do protecionismo ao álcool do milho dos seus produtores. E isto será ainda mais irrealizável com a eventual vitória dos democratas na atual disputa eleitoral naquele país. Na verdade, o próprio Brasil não vem fazendo o seu dever de casa a exemplo da criação de um programa de certificação sócio-ambiental para o etanol, providência sem a qual

aí mesmo que não haverá perspectiva de maior acesso aos mercados externos para o produto nacional. Além do mais, vimos que na COP 13, realizada em Bali, na Indonésia, no mês de dezembro passado, Estados Unidos e União Européia (que também não abrirá os seus mercados para o etanol da cana do Brasil), apresentaram lista conjunta do que consideram bens ambientais, com a exclusão do etanol, o que representou mensagem clara de que não admitirão tratamento comercial diferenciado para este produto no mercado internacional, por razões ambientais, conforme demanda permanente do governo brasileiro. Portanto, para os interesses do próprio setor teria sido melhor o planejamento da expansão da oferta de acordo com os avanços efetivos da utilização no mundo da mistura, no caso, do etanol à gasolina, no contexto das estratégias globais contra o aquecimento global.

**Ambientalistas afirmam que o etanol é limpo para o meio ambiente, mas sujo em sua produção. O senhor concorda?**

Não há dúvidas quanto a isto. Quando fui diretor de economia do Ministério do Meio Ambiente (MMA) representei o MMA nas negociações para a redução/eliminação das barreiras comerciais sobre os Bens e Serviços Ambientais (BSA) na OMC que são objeto do mandato da Rodada Doha. O Itamaraty, o Ministério do Desenvolvimento (MDIC) e o da Agricultura (MAPA), tem se empenhado pela inclusão do etanol na listas de BSA, empreitada que desde sempre enfrentou as resistências dos países ricos. Volta e meia o representante da UE provocava – evidente que de forma oportunista –: “como pretendem status de ambiental para um produto obtido de uma matéria prima que concentra terra, poder e renda, emprega trabalho degradante e contamina fortemente o meio ambiente?” Respondíamos: “isto pode ser resolvido, mas os pneus velhos que querem nos empurrar, não!” Na verdade, tecnicamente a maioria da representação brasileira estava correta, pois, para a OMC a definição de um bem ambiental se dá apenas pelo produto final, a chamada tecnologia

fim de tubo, ou seja, no exemplo do etanol, a rigor, para a OMC pouco importa as condições em que é produzida a cana se o combustível, produto final, é menos poluente que os derivados do petróleo.

**E como é visto, atualmente, o etanol brasileiro?**

Aproveitando as óbvias resistências para a inclusão do etanol como bem ambiental nós do MMA propusemos a rediscussão conceitual sobre o que seriam os bens ambientais já que pelas regras vigentes, além da fraude ambiental, os países ricos levavam e levam grande vantagem comercial, pois são privilegiados os produtos de alto valor agregado. Assim, colocamos para o debate, dentro do governo, proposta que entre outras inovações incluía a consideração dos ppm's (sigla em inglês para os métodos e processos de produção) na definição dos bens ambientais, o que exigiria, para tal, o rastreamento dos atributos ambientais dos bens ao longo de todo o ciclo produtivo. Prevalecendo a proposta inverteríamos



Gerson Teixeira, coordenador geral da ABRA no Distrito Federal

Arquivo pessoal



o eixo das negociações à medida que os chamados bens ambientalmente preferíveis, que incluem os produtos da biodiversidade, gozariam dos maiores benefícios comerciais. E ainda faríamos a cunha, no plano do comércio multilateral, para os acordos multilaterais de meio ambiente. No caso da cana, com tal definição, ou os problemas sociais e ambientais seriam eliminados na produção, ou o etanol dela produzido seria enquadrado sempre como um bem ambiental de categoria inferior o que na prática resultaria em menores compromissos no processo de liberalização do produto. De qualquer forma, quebraríamos ou provaríamos a farsa das resistências dos europeus e para o Brasil só teria ganhos. Tive informação recente que o Brasil protocolou novo documento na OMC fechando a questão com o enquadramento do etanol como bem ambiental de qualquer jeito. Burrice pura!

**Como o plantio de cana pode ameaçar**

**a sobrevivência de comunidades tradicionais?**

A economia da cana está alicerçada na monocultura em escala o que ameaça não apenas as comunidades tradicionais, mas a agricultura familiar e camponesa de um modo geral à medida que se trata de uma atividade que concentra a posse da terra, elimina a pequena produção de alimentos, destrói o meio ambiente e, em particular, extermina a biodiversidade.

**O senhor considera que ações como zoneamento agrícola e leis que restringem a área de plantio da cana-de-açúcar são eficazes?**

Se zoneamento resolvesse alguma coisa não teríamos, com o perdão da palavra, a verdadeira zona que temos na ocupação do território do país e não estaríamos assistindo, agora, a retomada excepcional das taxas de desmatamento na Amazônia. Temos um zoneamento agrícola real sob a gestão do MAPA e Embrapa, o qual, distante

de uma perspectiva de planejamento, está direcionado para as finalidades da segurança nas operações de crédito rural e do seguro. De outra parte temos o zoneamento econômico-ecológico virtual do MMA, em eterna construção, que até o momento vem servindo para finalidades esotéricas e diletantes dos órgãos ambientais e de ONGs associadas. O chamado Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE) poderá, sim, ser de grande utilidade caso o poder normatizador e repressor do Estado se imponha principalmente sobre os senhores do agronegócio que usam e abusam deste país.

**O etanol pode acabar se tornando mais prejudicial para o meio ambiente do que o petróleo?**

Tente deixar claro, antes, que o etanol é obtido de uma matéria prima cujo processo produtivo é sujo em todos os aspectos. A produção de cana é movida pela utilização ultraintensiva de produtos químicos derivados do petróleo e pelo consumo

excessivo de água, além de queimadas devastadoras. Seria necessário um estudo científico independente para nos revelar, no confronto dos respectivos processos produtivos ao longo das cadeias produtivas correspondentes, o quanto o etanol de fato é mais amigável para o meio ambiente. Se for!

**É possível a existência de uma produção de etanol sustentável?**

A grande discussão hoje está focalizada para o etanol de segunda geração. De todo o modo, penso que seria possível, sim, um processo produtivo mais razoável para este combustível nos planos sócio-ambiental. Depende apenas de o Estado se impor sobre usineiros e latifundiários e de implementar políticas regulatórias e de inclusão dos trabalhadores do setor, que seriam substituídos pela mecanização, como público da reforma agrária.

\* Estagiária do Setor de Comunicação da Secretaria Nacional da CPT

## VIA CAMPESINA

## Via Campesina Brasil realiza Plenária Nacional

CRISTIANE PASSOS\*

Com cerca de 300 pessoas representando os sete movimentos camponeses que compõem a Via (MMC, MPA, MST, PJR, FEAB, CPT, MAB) e organizações de povos tradicionais convidadas, a I Plenária da Via Campesina Brasil discutiu, entre os dias 27 e 30 de novembro último, em Goiânia, temas como os desafios futuros para os movimentos, a conjuntura agrária e agrícola brasileira, a mercantilização da água, a Alternativa Bolivariana (Alba), a juventude camponesa, entre outros. Uma das primeiras conclusões tiradas durante o encontro é que o novo inimigo dos camponeses, o agronegócio, se configura como um grande desafio, onde o projeto do Capital não só envolve os latifundiários, mas também uma aliança entre o capital financeiro, investidores e as transnacionais. Segundo a avaliação feita, o poder das transnacionais perpassa desde os grãos, geralmente trabalhados em monocultivos, ao veneno usado dentro de um sistema integrado que só prejudica o pequeno agricultor. O agricultor se torna um simples empregado disfarçado. O Governo Lula não mudou esta situação. Outra questão discutida foi o uso intensivo dos agroquímicos e as novas técnicas de controle. As corporações internacionais se apropriam

Cristiane Passos



Encerramento da I Plenária Nacional da Via Campesina



João Pedro Stédile fala aos participantes da Plenária da Via Campesina

do conhecimento adquirido ao longo dos anos pelos agricultores e povos tradicionais e criam sementes geneticamente modificadas, para obrigar os camponeses a serem dependentes das mesmas transnacionais que fornecem as sementes, o adubo e os venenos. A mecanização pesada, em detrimento de mão-de-obra, e a predominância na produção de grãos, pela facilidade de especulação de preços e controle de estoques também foram apontados como pontos relevantes dentro da avaliação conjuntural.

### A água como mercadoria

A água também foi identificada pela Plenária como um bem natural mercantilizado. O que se convencionou como “hidronegócio” é

mais uma forma do Capital se apropriar dos recursos naturais para a sua própria sustentabilidade. Se antes os camponeses se utilizavam da água de forma livre em sua plantação, agora o processo prevê um sistema de outorgas para o uso das águas brasileiras, gerenciado pelo Comitê de Bacias, como prevê a lei brasileira de recursos hídricos (9433/97), implantada no governo Fernando Henrique Cardoso. O projeto Rio Madeira, na divisa do estado de Rondônia com a Bolívia, é um exemplo do plano do Capital para o controle das águas brasileiras dentro da produção de energia. São previstas a construção de uma hidrovía, que facilitaria o transporte das monoculturas produzidas, como a soja, além de quatro grandes hidrelétricas para alimentação energética de grandes mineradoras.

### Conjuntura latino-americana

A integração latino-americana é um desafio a ser percorrido pelos militantes da Via Campesina. No entanto, eles perceberam a necessidade de instrumentos políticos que sejam capazes de identificar o acúmulo histórico dos

povos e das lutas da América Latina, de forma que a lógica capitalista não seja perpetuada. Durante a Plenária verificou-se que a Alba é uma possibilidade real de um instrumento que canaliza as necessidades acima apontadas. A Alba é inspirada em experiências de resistência. Avalia-se que, no atual momento histórico, a América Latina tem um acúmulo de ideologias, militantes preparados, elementos materiais e cultura política para a construção deste instrumento. É muito mais que um bloco econômico. É uma união de forças para a garantia da soberania entre os povos, sob um conjunto de princípios capitaneados pelo valor da solidariedade. Os participantes concluíram que é preciso reforçar políticas estruturantes dentro da Alba. A educação (através da eliminação do analfabetismo) e a saúde (de maneira preventiva) foram consideradas como duas medidas urgentes na atuação dentro do bloco. Experiências como a Escola Latino-Americana Paulo Freire (IALA), mesmo com suas dificuldades decorrente dos processos políticos dentro da Venezuela, são importantes e devemos garantir que nossos jovens que lá estudam permaneçam em seus cursos.

### Novas entidades fortalecem articulação da Via

“Sozinhos, somos fracos; unidos, fortaleza”. Essa foi a mensagem que Edinho, do povo Macuxi de Roraima, deixou para os participantes da Plenária. Com pedaços de vara de bambu, ele mostrou em forma de metáfora que, se estivermos juntos, não podemos ser quebrados facilmente. Esta foi a primeira atividade da Via Campesina da qual o integrante do Conselho Indígena de Roraima (CIR) participa. “Sinto-me fortificado no meio de pessoas que têm o mesmo objetivo que nós, de transformação”, afirmou. “É preciso resistir, persistir e jamais desistir”, concluiu.

\* Texto produzido com informações dos boletins divulgados durante a Plenária por: Mayrá Lima, Maria Mello e Cristiane Passos.

## VIOLÊNCIA

# Trabalhadores rurais são torturados por fazendeiros na Paraíba

CPT NORDESTE\*

O histórico de violência na região de Joaquim Távora, Paraíba, onde está localizada a fazenda Quirino é tão antigo quanto extenso. Até meados da década de 90, os posseiros estavam submetidos ao arcaico sistema de cambão, através do qual, para garantir suas moradias, eram obrigados a pagar um dia de trabalho não remunerado por semana nas terras do proprietário Alcides Vieira. Além disso, arcavam com um foro anual no valor de R\$ 50 por hectare de roçado trabalhado.

Em 1997, os posseiros reivindicaram ao INCRA a vistoria dos 901 hectares da fazenda Quirino. Em represália, o proprietário contratou capangas para ameaçar os posseiros, intimando-os a desistirem da desapropriação. Mesmo diante do medo e da insegurança, os posseiros resistiram e, em janeiro de 1999, receberam a imissão de posse na terra, sendo criado logo em seguida o projeto de assentamento rural Novo Horizonte. Não tardou para que o proprietário Alcides Vieira conseguisse na justiça a suspensão temporária do decreto de desapropriação. Enquanto o processo tramitava na Justiça, determinou que seus capangas vigiassem todos os movimentos dos posseiros. Eles eram espancados quando saíam sozinhos. Em 2001 os agricultores decidiram voltar a trabalhar no roçado em regime de mutirão. Em março daquele ano, após participar de uma missa na fazenda Quirino em solidariedade aos posseiros, um grupo de treze pessoas, que incluía o professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Fernando Garcia, foi torturado por capangas no curral da fazenda e depois detido na delegacia. O agricultor José Luis foi abordado por dois vaqueiros da fazenda enquanto

caminhava para sua roça e, com uma arma apontada à cabeça, foi persuadido a retornar para casa.

Diante desses abusos e da repercussão negativa frente à opinião pública, em maio de 2001, a Justiça Federal convocou uma audiência em Campina Grande (PB), na qual fazendeiro e posseiros firmaram um acordo de convivência. Em outubro do ano passado o proprietário rompeu com o acordo e voltou a ameaçar as famílias posseiras.

## “Omissão” da polícia

Em novembro do ano passado, quando os agricultores estavam construindo a casa de um posseiro em regime de mutirão, sete homens chegaram e ordenaram que todos ficassem em fila para serem revistados. O administrador da fazenda, José Clementino de Sá, aproveitou a ocasião para apresentar ao proprietário os trabalhadores um a um. “Esse aí é o presidente da associação, o João Luiz, e esse é o safado do Zé Luís”, disse. “Depois fizeram o que foi necessário para acabar com tudo, destruíram toda a construção”, relembra José Luís. No dia 9 de de-

zembro de 2007, José Luis foi espancado e teve sua casa destruída por nove homens armados. Além disso, seu filho, de 15 anos, foi torturado e suas duas filhas, também espancadas. Tantas atrocidades só são possíveis por causa da conivência da polícia local. “A gente não confia mais na polícia da região. De uma hora para outra ela pode vir para dar um apoio, na outra ela pode chegar aqui e bater em todo mundo a mando do fazendeiro”, revela José Luís.

Os posseiros acreditam que a emboscada do dia 9 de dezembro foi planejada pelo neto do fazendeiro, Carlos Alberto Bezerra, que contou com o apoio do agente de investigação da Polícia Civil, Sérgio de Sousa Azevedo, suspeito também de chefiar uma milícia privada dos latifundiários na região. Azevedo, José Clementino e outros empregados da fazenda foram reconhecidos dentre os agressores daquela noite. A violência do latifúndio em conluio com o poder policial não é um fato novo na sociedade brasileira. As milícias privadas se confundem com a força policial na imensidão dos latifúndios.

## Audiência Pública na Assembléia Legislativa da Paraíba

Diversos representantes de órgãos governamentais, entidades e movimentos sociais participaram, no dia 22 de fevereiro, de uma audiência pública na Assembléia Legislativa da Paraíba sobre a violência contra os posseiros da fazenda Quirino. Dom Tomás Balduino, conselheiro permanente da CPT, e Aton Fon Filho, advogado da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, também participaram. Na audiência quatro trabalhadores foram ouvidos e mais a assessoria jurídica da CPT na Paraíba. O ouvidor nacional de Direitos Humanos da Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH), Firmino Fecchio, se disse perplexo com as denúncias e garantiu que as levaria para a SEDH o quanto antes. No dia 23 de fevereiro foi realizada uma reunião com o ouvidor, o deputado Luiz Couto (PT-PB), Dom Tomás Balduino, Aton Fon Filho e advogados da CPT para agilizar encaminhamentos em relação ao caso. Ficou decidido que se solicitará uma representação junto ao Conselho Regional de Segurança Pública pedindo a intervenção da Polícia Federal no caso, já que os trabalhadores denunciaram a participação de um policial civil nas violências praticadas contra eles. O policial Sérgio de Souza Azevedo está envolvido em vários casos como esse, já foi preso e, mesmo assim, continua ocupando um cargo público. Uma mobilização popular será programada para os próximos dias para denunciar à Secretaria de Segurança Pública esse fato.

Em apoio às famílias posseiras foi criada a Frente de Solidariedade aos Posseiros da Fazenda Quirino, que está recolhendo assinaturas para cobrar das autoridades o fim da violência e impunidade na região.

Mais informações no site [www.cptpe.org.br](http://www.cptpe.org.br).

\* Texto produzido a partir de matéria do boletim eletrônico da CPT Nordeste.



arquivo CPT Paraíba

## DIA DE MOBILIZAÇÃO GLOBAL

## Ação Global por um outro mundo possível

MARÍLIA ALMEIDA\*

Em 2008, o Fórum Social Mundial foi diferente das edições anteriores. Desta vez, a organização do evento optou por diversificar os locais de atividade e, assim, possibilitar que mais pessoas em todo o mundo pudessem discutir e propor idéias para a construção de “um outro mundo possível”. Foi uma semana de mobilização internacional que culminou no Dia de Mobilização e Ação Global, em 26 de janeiro. 89 países inscreveram mais de 770 atividades para o Fórum Social Mundial 2008. Somente no Brasil, aconteceram 156 ações, em 19 estados. Na cidade de São Paulo, os movimentos sociais e entidades que participam do Fórum organizaram o “Sábado-Feira”, um evento multitemático que reuniu cerca de 1500 pessoas. A Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS), que agrupa várias entidades e movimentos sociais, organizou uma encenação teatral em frente à prefeitura de São Paulo. Três grupos, cada um vestido de uma cor, representaram conjuntos de reivindicações. Mulheres e negros, simbolizando as minorias, se vestiram de amarelo. Sindicalistas e estudantes se vestiram de azul representando a luta pelos direitos trabalhistas e a reforma da educação. Os movimentos sociais do campo se vestiram de vermelho e simbolizaram a defesa da reforma agrária e da soberania energética.

A capital carioca participou do Dia de Mobilização e Ação Global com o “Rio com Vida”, um evento político-cultural. Debates, apresentações culturais e até uma feira de alimentos foram realizados em oito tendas e cinco palcos armados no Aterro do Flamengo. As tendas foram divididas por temas como “Tendências”, “Idéias”, “Antropofágica”, “Trocas e Economia Solidária”, “Crianças”, “Audiovisual”, “Ponto de Encontro” e “Conexão Mundial”. Além disso, tendas menores receberam representantes da sociedade civil



Manifestação em São Paulo

que abordaram assuntos como questão indígena, sindicalismo, educação e religião. Personalidades públicas como o ministro da Secretaria Especial de Direitos Humanos, Paulo Vanucchi, e o escritor e teólogo Leonardo Boff participaram do evento. O dia 26 de janeiro, em Brasília, foi marcado por uma programação diferenciada e ao vivo na TV Comunitária, com o apoio do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal e da Central Única de Trabalhadores (CUT-DF). Outras 45 cidades brasileiras participaram do Dia de Mobilização e Ação Global, como Tocantinópolis, no Tocantins. O Fórum Estadual de Lutas por Terra, Trabalho e Cidadania organizou uma atividade na aldeia indígena São José, da etnia Apinajé. As entidades do Fórum, entre elas a CPT, o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) visitaram o local em uma manifestação de solidariedade aos indígenas pelas violências que eles sofreram.

## Fórum Social Mundial retorna ao Brasil em 2009

Em 2009, o Fórum Social Mundial voltará a ser centralizado e será realizado em Belém, capital paraense. O objetivo da organização do Fórum é alternar edições policêntricas com as concentradas em uma única cidade. Edições como a de 2006 e a deste ano visam favorecer a articulação das entidades e movimentos sociais e não necessariamente produzir soluções imediatas para os problemas mundiais. Além disso, facilitam a participação de milhares de pessoas que não podem se deslocar para outros países



Leonardo Boff participa do Dia de Ação Global no RJ

para participar do evento. O Fórum Social Mundial de 2009 começará agora a discutir as idéias propostas ao redor do mundo nas ações desse ano. Apesar do sucesso já alcançado ao logo das sete edições, várias regiões do mundo ainda não foram incluídas na programação do Fórum, como o Leste Europeu, a China, o Sudeste Asiático e o Oriente Médio. O Fórum Social é uma oportunidade para que as organizações mostrem suas ações e dificuldades, troquem experiências e evoluam no sentido de construir um mundo com menos desigualdade, violência e opressão. Sua descentralização permite que todo o mundo atue como protagonista na discussão de problemas que também são mundiais e evita que o debate se concentre apenas no país ou continente em que o Fórum é realizado.

Além de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, onde foram realizadas as primeiras edições do Fórum, as cidades de Mumbai (Índia) e Nairóbi (Quênia), também cediaram edições mundiais. Em 2006 o evento foi descentralizado, acontecendo em Bamako (Mali), Caracas (Venezuela) e Karachi (Paquistão). O Fórum Social Mundial é realizado nos mesmos dias em que a cidade suíça de Davos recebe o Fórum Econômico Mundial. Uma reunião de empresários, ministros da Economia, presidentes de Banco Centrais e diretores do FMI, Banco Mundial e organismos internacionais. São líderes da economia mundial que discutem desenvolvimento econômico, que não elimina as desigualdades sociais. No dia 26 de janeiro de 2008 o “velho mundo” repleto de exploração, exclusão e desigualdade social foi enfrentado, em 89 países, pelos ideais dos que lutam contra o neoliberalismo e o desrespeito aos direitos humanos, pelas pessoas que buscam e acreditam na construção de um outro mundo possível.

\* Estagiária do Setor de Comunicação da Secretaria Nacional da CPT.

## EXPERIÊNCIAS

# Escola de Agroecologia em Santa Catarina

JANETE AMBROZIO e  
ALTAIR AMBROZIO (TCHECO)\*

Uma escola normal nos molda do jeito que a sociedade quer, pessoas que prestam serviços e esquecem dos valores, costumes e tradições dos nossos antepassados. Um grupo de pequenos agricultores reunidos em uma associação, a APA-ECO (Associação de Pequenos Agricultores Ecológicos e Orgânicos), no município de Irineópolis, Santa Catarina, preocupados com essa perda de identidade e de valores resolveu encarar um desafio, criar uma escola em que eles mesmos fariam a grade curricular, escolhendo os temas das aulas, buscando as tradições, costumes e valores que com o tempo e com a industrialização foram se perdendo. Cumprido o desafio os agricultores passaram a ter aulas conforme as suas necessidades, buscando novas alternativas para as pequenas propriedades rurais. Um dos objetivos desse novo sistema é fazer com que eles entendam como funciona o sistema agrário atual para que assim possam sair da manipulação das empresas de integração, já que a maioria dos pequenos agricultores do município trabalha no cultivo do fumo.

São 25 alunos que participam da escola, todos são ligados à

agricultura e já tiveram alguma iniciativa de mudança da agricultura convencional para a orgânica em suas propriedades. Dentre as atividades propostas aos alunos está a elaboração de projetos que busquem novas alternativas para as pequenas propriedades. Cada grupo, formado por quatro ou cinco pessoas, fez seu projeto e o apresentou a toda a turma. Foram feitos projetos sobre: o cultivo de ervas medicinais, criação de frangos caipiras, piscicultura, fruticultura, olericultura, ovinocultura, apicultura e pecuária de leite à base de pasto. No momento a turma assumiu o projeto do cultivo de ervas medicinais e está sendo encaminhado o projeto da criação de frangos caipiras.

## Agricultura Familiar

São essas iniciativas de pequenos agricultores que vão mudar a realidade da agricultura familiar e resga-

tar os valores esquecidos, e é dentro desta perspectiva que o grupo está trabalhando. O modo convencional de agricultura fez com que o agricultor se tornasse dependente do agrotóxico e das máquinas. Tornou-se dependente total das empresas, sem ter autonomia alguma na compra e venda de seus produtos. Se se tirar da maioria dos agricultores tudo o que a indústria passou a lhe oferecer, ele não vai mais saber nem por onde começar a cultivar e comercializar sua produção. É um ciclo vicioso, a indústria vende os insumos, agrotóxicos, máquinas, e o agricultor cultiva e vende para a mesma indústria. O agricultor passa a não se preocupar com nada e torna-se apenas um instrumento para a indústria que o manipula.

A proposta da Escola de Agroecologia é resgatar os valores do agricultor, preservar o meio ambiente trabalhando com a agroecologia e mudar o sistema atual de

*Agricultura orgânica (ecológica) é o termo freqüentemente usado para a produção de alimentos e produtos animais e vegetais que não faz uso de produtos químicos sintéticos ou alimentos geneticamente modificados. Ela enfatiza o solo. Solo saudável, mantido sem o uso de fertilizantes e pesticidas feitos pelo homem. Os alimentos assim produzidos possuem qualidade superior à dos alimentos convencionais.*

manipulação trabalhando em grupos e cooperativas de agricultura familiar. Não seria necessário agrotóxico se o agricultor soubesse utilizar a natureza. Nada é praga, nada na natureza é em vão, o que falta é o homem entendê-la.

Temos de fazer um trabalho de formiguinha. Aqui são 25 pessoas, mas vendo o resultado positivo, outras pessoas poderão procurar maiores informações e participar de projetos como esse. Temos muito ainda para aprender sobre a natureza, como trabalhar com ela, junto a ela. É preciso resgatar o que está sendo esquecido e o que está sendo deixado de lado. Ter em mente que a natureza é uma companheira do agricultor e não uma inimiga, fazer parceria com ela, um ajuda o outro. Assim deveria ser o pensamento do homem, ele também faz parte da natureza.

**“O segredo de estar bem no mundo não reside no lugar onde estamos, mas na direção para a qual estamos indo.”** (Oliver Wendell Holmes)

arquivo CPT Santa Catarina



\* Integrantes da Escola Agrícola e agentes da equipe da CPT em Irineópolis (SC). Tcheco faz parte, também, da coordenação do regional da CPT em Santa Catarina.

## CULTURA

## DIFÍCIL MADRUGADA

arquivo Prelazia de São Félix do Araguaia

"Os brônquios da paisagem,  
Carregados de medo e de neblina,  
Acordo em Alagoas.  
A estrada é só declive,  
Desvio provisório.  
Risco,  
Morte.

E a chuva acortinando o horizonte do Povo,  
Que passa à beira vida,  
Disperso, silencioso, retirante.  
Entre usina e fazenda,  
Humano boi tangido pelo boi financiado;  
Cana sem voz ouvida,  
Vendida em cana lucro.  
(Tabuleiros de cana, xadrez de cativoiro).  
Plano de Deus, de lado, fraca utopia o Homem,  
Frente aos Grandes Projetos do Sistema.

Os coqueiros, ainda testemunhas  
Do mar, por onde chegam  
Os senhores de sempre.

E o rio São Francisco  
Levando, no vento, as últimas jangadas.

Difícil madrugada de Alagoas.  
Difícil madrugada do Sergipe."



"Malditas sejam todas as cercas! Malditas todas as propriedades privadas que nos privam de viver e amar! Malditas sejam todas as leis amanhadas por umas poucas mãos para ampararem cercas e bois, fazerem a terra escrava e escravos os humanos."

**D. Pedro Casaldáliga**

*A Cuia de Gedeão – poemas e autos sacramentais sertanejos. Editora Vozes, 1982, Rio de Janeiro. Pág. 29.*

Assine ou renove sua assinatura

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Exemplares: \_\_\_\_\_

**Assinatura anual:**

- Brasil ..... R\$ 10,00  
 Para o exterior ..... US\$ 20,00

Pagamento pode ser feito através de depósito no Banco do Brasil, Comissão Pastoral da Terra, conta corrente 116.855-X, agência 1610-1. Informações: [canuto@cptnacional.org.br](mailto:canuto@cptnacional.org.br)

**COMISSÃO PASTORAL DA TERRA**

Secretaria Nacional: Rua 19, nº 35, Ed. Dom Abel, 1º Andar, Centro.  
CEP 74.030-090 – Goiânia, Goiás – C.P. 749 - CEP 74.001-970

**CORREIOS**  
Impresso Especial

0564/2005 DR/GT  
COM. PAST. DA TERRA

IMPRESSO

VIA AÉREA